



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**PAULA KAROLINA DA SILVA BEZERRA**

**A AUSÊNCIA DE RACISMO LINGUÍSTICO EM LIVROS DIDÁTICOS DO 8º E 9º  
ANOS DE DUAS ESCOLAS DE QUEIMADAS/PB**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2022**

PAULA KAROLINA DA SILVA BEZERRA

**A AUSÊNCIA DE RACISMO LINGUÍSTICO EM LIVROS DIDÁTICOS DO 8º E 9º ANOS DE DUAS ESCOLAS DE QUEIMADAS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

**Área de concentração:** Linguística Histórica

**Orientador:** Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574a Bezerra, Paula Karolina da Silva.

A ausência de racismo linguístico em livros didáticos do 8º e 9º anos de duas escolas de Queimadas/PB [manuscrito] / Paula Karolina da Silva Bezerra. - 2022.

50 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva ,  
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Racismo linguístico. 2. Ensino de língua. 3. Livro didático. I. Título

21. ed. CDD 372.6

PAULA KAROLINA DA SILVA BEZERRA


A AUSÊNCIA DE RACISMO LINGUÍSTICO EM LIVROS DIDÁTICOS DO 8º E 9º ANOS DE DUAS ESCOLAS DE QUEIMADAS/PB

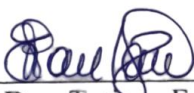
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

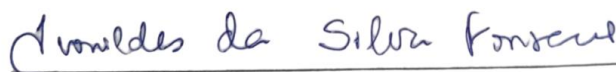
Área de concentração: Linguística Histórica

Aprovada em: 30/11/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva (Orientador) 10,0  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Profa. Dra. Tatiana Fernandes Sant'ana 10,0  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca 10,0  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe e ao meu pai (*in memoriam*), por  
todo amor, direcionamento, carinho, por serem  
meu exemplo de bondade e generosidade,  
DEDICO

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pois d'Ele são todas as coisas. Gratidão por me guiar em toda minha caminhada.

A minha mãe, Bernadete, por ser exemplo em minha vida e ter me dado forças nos momentos difíceis. Por ter me ajudado financeiramente, por me aconselhar e me incentivar a ir em busca dos meus sonhos.

A meu pai, João Galdino Bezerra (*in memoriam*), que mesmo não estando mais presente entre nós, continua vivo no meu coração, e sei que está feliz no céu com a conquista da sua caçulinha.

A minha irmã, Isabel, que sempre me apoiou e me incentivou a estudar. Sempre estivemos e estaremos juntas.

Ao meu noivo, Felipe, pelo incentivo prestado para realização dos meus sonhos e por toda manifestação de amor.

As minhas amigas, em especial Fabiana e Larissa, companheiras que a UEPB me presenteou, que hoje fazem parte da minha caminhada.

Ao meu orientador, Ricardo Soares, pelos ensinamentos, empenho, prestatividade e confiança durante dois anos de projeto.

A banca examinadora, Tatiana Fernandes Sant'ana e Ivonildes da Silva Fonseca, pela disponibilidade em estarem presente em minha defesa e por todas as contribuições científicas.

A todos os professores do Curso de Letras – Língua Portuguesa da UEPB pelos ensinamentos e experiências vividas.

Aos colegas de classe pelos momentos de companheirismo e apreço.

Aos servidores da UEPB, por todo atendimento prestado com competência.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma tocaram meu coração durante essa caminhada.

“Seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica”. (Paulo Freire)

## RESUMO

A presente pesquisa objetiva abordar os indígenas e negros como sujeitos que assumem a língua – o português brasileiro – tornando-se produtor de discursos, manifestando sua identidade cultural. Pretendemos, aqui, tratar da relação do negro e “índio” com a linguagem e sua memória, relacionando-o ao contexto de ensino e formação em língua portuguesa. Para isso, tomamos como corpus livros didáticos do 8º e 9º anos adotados em duas escolas públicas da cidade de Queimadas/PB para investigar como se dá a abordagem do racismo linguístico nos livros. A pesquisa, constituída por método bibliográfico, exploratório e descritivo, por meio de livros, capítulos de livro, problematiza o português brasileiro em sua diversidade de usos e formas, a partir de uma abordagem histórico-comparativa. Como aparato teórico, fundamentamos nossa discussão em Nascimento (2019); Bagno (2006); Alonso(2009); Guimarães (2009). Os resultados do estudo demonstram que a negação e o desconhecimento das tradições indígenas e africanas na formação e consolidação do português brasileiro aponta para um quadro científico que sustenta a mesma hipótese racista, principalmente quando se considera uma linha diacrônica de apreciação.

**Palavras-chave:** Racismo Linguístico. Ensino de Língua. Livro Didático.



## **ABSTRACT**

This research aims to address indigenous and black people as subjects who assume the language – Brazilian Portuguese – becoming a producer of discourses, manifesting their cultural identity. We intend, here, to deal with the relationship between blacks and “Indians” with language and their memory, relating it to the context of teaching and training in the Portuguese language. For this, we took as corpus 8th and 9th grade textbooks adopted in two public schools in the city of Queimadas/PB to investigate how linguistic racism is approached in books. The research, constituted by bibliographical, exploratory and descriptive method, through books, book chapters, problematizes Brazilian Portuguese in its diversity of uses and forms, from a historical-comparative approach. As a theoretical apparatus, we base our discussion on Nascimento (2019); Bagno (2006); Alonso (2009); Guimaraes (2009). The results of the study demonstrate that the denial and ignorance of indigenous and African traditions in the formation and consolidation of Brazilian Portuguese points to a scientific framework that supports the same racist hypothesis, especially when considering a diachronic line of appreciation.

**Keywords:** Linguistic Racism. Language Teaching. Textbook.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	As várias faces do preconceito .....	38
Figura 2 –	Hora da pesquisa .....	39
Figura 3 –	Para você que é curioso .....	40
Figura 4 –	As línguas do Brasil .....	41
Figura 5 –	Contribuição das línguas africanas .....	42
Figura 6 –	Palavras aportuguesadas .....	43
Figura 7 –	Preconceito linguístico .....	44

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferença entre o português brasileiro e o europeu .....	20
Quadro 2 – Influxos de tradições indígenas e africanas .....	23
Quadro 3 – Livros didáticos analisados .....	34
Quadro 4 – Capas das obras analisadas .....	35

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
LD	Livro Didático
LP	Língua Portuguesa
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 LÍNGUA PORTUGUESA: DO LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....</b>	<b>15</b>
<b>3 INFLUÊNCIAS INDÍGENAS E AFRICANAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ....</b>	<b>19</b>
<b>4 A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INDÍGENA E AFRICANA FACE À TRADIÇÃO ORAL E ESCRITA .....</b>	<b>24</b>
<b>5 DIFERENÇA ENTRE O RACISMO LINGUÍSTICO E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO .....</b>	<b>28</b>
<b>6 O RACISMO LINGUÍSTICO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA .....</b>	<b>32</b>
6.1 Abordagem metodológica .....	32
6.2 Análise e discussão dos resultados .....	35
6.2.1 Livros Didáticos 8º ano .....	35
6.2.2 Livros Didáticos 9º ano .....	36
6.3 Considerações sobre as obras analisadas .....	43
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é fonte de dois anos de pesquisas desenvolvidas como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), junto à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Em nossas pesquisas percebemos como as heranças das matrizes indígena e africana foram assimiladas pelos saberes locais e pela língua portuguesa, mas que ao longo do processo histórico essas influências foram sistematicamente invisibilizadas e, conseqüentemente, o país escravocrata incorporou em seu imaginário e em seus símbolos inúmeros contextos de replicação colonial e racista. Assim, observando como é difícil identificar e chegar a algumas conclusões desses influxos na língua portuguesa, percebemos a necessidade de investigar o racismo linguístico, especificamente voltado ao ensino de língua portuguesa em livros didáticos.

Não é difícil reputar a contribuição de povos indígenas e africanos na formação da cultura, da sociedade e do povo brasileiro. Entretanto, ainda não é pacífica a ideia de que ambas as matrizes contribuíram em maior ou menor escala para a formação da língua portuguesa. É perceptível que a língua também catalisa o racismo instituído ao longo dos séculos, nas piadas, nos bordões, nas comparações, nas expressões idiomáticas e em inúmeros modos de verbalizar de forma interiorizada a herança dos negros africanos traficados para o Brasil.

Nessa perspectiva, nossa investigação histórico-comparativa entre o “português brasileiro” e o “português europeu” permitiu destacar elementos distintivos de uso para compará-los a estudos realizados que atestam contribuições legítimas das matrizes de tradição indígena e africana na fragmentação e dialeção da língua portuguesa no Brasil. Em rigor, compreendemos que atos comunicativos se manifestam na modalidade oral e escrita, performando múltiplas identidades em contextos heterogêneos de comunicação.

Assim, os modos tradicionais de dizer são constituídos historicamente de forma processual, por meio de seleção lexical, hábitos articulatórios e/ou arranjos morfossintáticos expressivos. Nessa medida, o reconhecimento da variedade dialetal do português brasileiro é o ponto de partida para a identificação da fragmentação linguística do português no Brasil e, conseqüentemente, a identificação da acomodação de usos expressivos – na comunicação oral e escrita – de tendências brazilizantes.

Em rigor, compreendemos que os indígenas e os negros são vistos e/ou tratados ou com olhar condescendente ou com intolerância e ambos são pressupostos do racismo. Além

disso, são vítimas de um discurso perverso e extremamente preconceituoso que, muitas vezes, esconde a carga negativa dessas práticas. Nessa medida, abordamos nesta pesquisa esses povos como sujeitos que assumem a língua – o português brasileiro – tornando-se produtores de discursos, manifestando sua identidade cultural e usando diversas práticas sociocomunicativas.

Pretendemos, assim, tratar da relação do indígena e do negro com a linguagem e sua memória, relacionando-a ao contexto de ensino e formação em língua portuguesa. O tema ainda é pouco debatido na academia e muito menos tratado nas salas de aula de educação básica de forma mais sistematizada. Existe a denúncia do racismo e existe a instrução legal para a configuração do crime inafiançável, contudo este debate precisa amadurecer a pauta no âmbito da pesquisa para a obtenção de dados, com os quais os pesquisadores possam consubstanciar *corpora* qualificadas.

Diante do debate desenvolvido pelas diversas posturas acerca da presença das línguas africanas e indígenas no território brasileiro, o nesse trabalho pretendemos investigar o racismo linguístico nos livros didáticos de língua portuguesa. De maneira mais específica, procuraremos comparar as coleções diferentes de 8º e 9º ano. Ao mesmo tempo destacamos que as relações entre indígenas, negros e brancos atravessam a linguagem, causando frequentemente inúmeras situações de racismo linguístico.

Com base nesses objetivos, e com a finalidade de compreendê-lo, especialmente, a partir do contato entre as influências africanas e indígenas e o ensino de língua portuguesa, com o intuito de abordar o racismo linguístico no ensino de português, realizamos essa pesquisa por método bibliográfico, exploratório e descritivo, por meio de livros que problematizam o português brasileiro em sua diversidade de usos e formas, a partir de uma abordagem histórico-comparativa.

A fim de que esta temática seja abordada de forma mais esclarecedora, organizamos a pesquisa em cinco capítulos. No primeiro, discorremos sobre a origem do português brasileiro, o qual foi adquirindo características próprias que o diferiu do idioma lusitano.

No segundo capítulo consideramos a influência de línguas, dentre elas as de matrizes africana e indígena, as quais se destacam como as principais influências transformadoras do português europeu.

No terceiro capítulo, discorremos acerca da relação de contato entre as línguas africanas e indígenas face à tradição oral. Essa forma de registro é uma característica significativa da cultura desses povos, pois a partir dessa modalidade, foram transmitidas de

geração em geração os ensinamentos, as crenças, a maneira de compreender o mundo, dentre diversas outras coisas.

No quarto capítulo, contemplamos o debate sobre a diferença entre preconceito linguístico e racismo linguístico, pois ainda é muito latente a discussão sobre se existe preconceito racial ou social no Brasil. Para o desenvolvimento deste tópico, foi necessária uma descrição detalhada sobre ambos os termos, os quais carregam algumas implicações, pois é preciso olhar pelo viés do discurso colonialista e de branquitude, apresentando as relações de poder estabelecidas em qualquer ambiente onde exista pessoas em situação de interação comunicativa.

No quinto capítulo analisamos como se dá a abordagem do Racismo Linguístico nos Livros Didáticos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II, enfatizando que o papel da escola não se restringe em ensinar a norma padrão, prescrevendo o que é certo e errado, mas ensinar a mesma respeitando a diversidade de cada falante e integrando o indivíduo no processo de ensino/aprendizagem. Por fim, seguem as considerações finais e as referências.



## 2 LÍNGUA PORTUGUESA: DO LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A língua latina era falada em Roma e na província do Lácio. Estendeu-se pela Itália e pela parte ocidental da Europa, dando origem às línguas neolatinas: o português, o francês, o espanhol, o italiano, o romeno, o occitano, o rético, o catalão e o dalmático (este último, já extinto). É importante salientar que o latim se espalhou com facilidade, visto que era o idioma do império romano, e mesmo após sua queda, em 476, a língua latina continuou a ser usada como língua culta, esta era utilizada em tudo que se referia à linguagem culta da época. Como a maioria dos idiomas, o latim transformou-se com mudanças nas formas de escrever e de falar.

Com o passar dos séculos, o latim distanciou-se de sua origem e diversificou-se na língua falada da população. Assim, distinguiu-se em duas modalidades: o latim clássico (*sermo urbanus*), aquele que era usado em documentos, nos textos literários e nas celebrações religiosas; e o latim vulgar (*sermo vulgaris*) que constituía uma forma coloquial da língua, representado pela fala da população, assim como acontece na língua portuguesa. No latim, o processo de evolução da língua deu-se a partir da convivência com outros povos que habitavam aquela região, com o objetivo de dominar o território e impor sua cultura.

As línguas latinas ou neolatinas, também chamadas de línguas românicas, se originaram do latim, em especial do latim vulgar, e fazem parte do grupo de idiomas que formam o conjunto de línguas indoeuropeias. As línguas neolatinas faladas atualmente são: o português, o espanhol/castelhano, o francês, o italiano e o romeno, o catalão, o galego e o provençal. Dessa forma, o latim foi muito importante para origem e formação da língua portuguesa, e também no uso atual do português. Ademais, podemos dizer que é uma língua que atravessou o tempo e serviu de base para o surgimento de diversas línguas, deixando marcas que não podem ser apagadas no uso da língua portuguesa, ou seja, do latim ao português de Portugal, e deste ao português brasileiro, vários fatos ocasionaram transformações na língua, os quais consideramos como desencadeadores da caracterização e enriquecimento da mesma derivação.

A evolução do latim permitiu a formação da língua portuguesa, que se consolidou primeiro no espaço europeu. Foram muitas as influências linguísticas e culturais que abriram portas para sua formação. Assim, com a expansão da LP para fora do continente europeu, ela se disseminou e o sistema linguístico desenvolvido na Península Ibérica deu margem para possíveis adequações. Nesse sentido, o Brasil foi um dos alvos da propagação da LP. Todo o processo de adaptação sofrido por essa língua em solo brasileiro dependeu das diversidades

contextuais e sócio-históricas, estas que foram motivadas pela interação linguística que se deu e que durou tempo suficiente para deixar marcas na LP, a princípio na europeia e, logo em seguida, na variante brasileira.

O processo de configuração da língua portuguesa no Brasil foi uma tarefa muito complexa, o que significa dizer que o contato com as diversas línguas, ainda que as indígenas e africanas tenham sido mais fortes em determinado espaço de tempo; todas elas contribuíram fortemente para a formação do português no território brasileiro. Desse modo, pensar na história da formação do português brasileiro é valorizar a participação dos grupos étnicos e comunidades linguísticas que se fizeram presentes em terras brasileiras no período colonial.

Pensar na implantação da língua portuguesa no Brasil, bem como em sua fixação como idioma, enquanto língua nacional do país, é realizar uma análise sobre o viés de sua história, como também de seu alcance linguístico, para conferir o panorama da implantação da língua, levando em conta que: o território descoberto (para o imaginário europeu) já era habitado por falantes indígenas de diferentes etnias e contava com várias línguas.

Quando os portugueses entraram em terras brasileiras, encontraram uma terra povoada, e os habitantes lá encontrados foram denominados como índios, pois os viajantes pensaram que teriam chegado às Índias, seu destino original. Os indígenas detinham grande diversidade linguística, algo em volta de trezentos e cinquenta línguas diferentes. Ademais, o contato do português com o tupi possibilitou uma variação linguística nos aspectos morfológicos, fonéticos e sintáticos. Neste período, a variedade linguística tupinambá, que era o dialeto usado na região litorânea, passou a ser utilizado como língua geral da colônia junto ao português, com o objetivo de facilitar a comunicação entre os indígenas e os portugueses. Neste sentido, os jesuítas enviados pela Companhia de Jesus procuraram aprender o tupi para catequizar os “índios”. Assim, aos jesuítas cabia a missão de evangelização, ou seja, de ensinar os povos recém-conquistados as doutrinas da Igreja Católica advindas do império português, com o objetivo de transformar os “índios” em homens civilizados e cristianizados, atendendo as tendências dos povos indígenas da cultura da Europa.

Com o processo de catequização dos índios, os jesuítas seguiam uma regra que para um indivíduo desconhecido ser catequizado o processo deveria ocorrer na língua materna deste, por esse motivo passaram a estudar as línguas nativas e a praticarem, ao passo que o português era usado para tratar assuntos da colônia com o Império. Dessa forma, o tupi passou a ser utilizado para facilitar a comunicação entre os portugueses e os nativos, assim o

idioma do império era de utilidade apenas para comunicação oficial, decreto, documentos e funções administrativas. Nesse sentido, a colônia vivia neste momento uma espécie de bilinguismo.

Conforme Teyssier (2007), na segunda metade do século XVIII, a língua geral entra em decadência e foi substituída pelo português, várias razões colaboraram para isso, como a chegada de inúmeros imigrantes portugueses. Estes vieram seduzidos pela descoberta das minas de ouro e diamantes; o Diretório criado pelo Marquês de Pombal, em 03 de maio de 1757, proibindo o uso da língua geral e obrigando oficialmente o uso da língua portuguesa; e a expulsão dos jesuítas, em 1759, afastando da colônia os principais protetores da língua geral. Segundo Bethania Mariani (2004), o processo colonizador realizado pelos portugueses e jesuítas traz uma tensão constitutiva, pois, não foi de maneira simples, foi imposta uma unidade linguística. Ao contrário de Teyssier (2007) que trata a imposição da língua como substituição, Mariani (2004) afirma que em comparação com as línguas indígenas, o caso do português é a imposição das línguas dos conquistadores, ou seja, o português foi imposto aos que viviam nas terras brasileiras

Efetivamente, a colonização do Brasil se iniciou a partir de 1532, quando houve a implantação das capitanias hereditárias. Com o início da colonização, a língua portuguesa começou a ser transplantada para o Brasil, aos poucos adquirindo características particulares face ao português de Portugal, isto é, o processo de formação do português brasileiro ocorreu com a chegada dos primeiros portugueses, fruto das expedições marítimas em busca de novos territórios. Entretanto, entendemos que o processo pelo qual o português percorreu para se tornar língua nacional do Brasil é relativamente longo, visto que em terras brasileiras o português entra em relação num novo espaço-tempo, com povos que falavam outras línguas. Dessa forma, percebe-se, que a língua portuguesa percorreu diversos espaços de comunicação até sua nacionalização. Como aponta Lima (2008):

[...] a história da implantação do português como língua nacional e como marca identitária envolveu não apenas o estabelecimento de um diálogo com Portugal, antiga metrópole colonial, como relação com os diferentes grupos humanos, culturais e étnicos no território nacional. A história da nacionalização da língua portuguesa no Brasil, além do reconhecimento de suas peculiaridades fonéticas, gramaticais e vocabulares diante do português europeu, supôs o tratamento de inúmeras outras línguas – indígenas, africanas, europeias, asiáticas – e não raro o seu confronto.

A língua portuguesa percorreu vários caminhos até ser concebida como língua nacional no Brasil, não foi a partir do momento que os colonizadores instalaram-se em solo

brasileiro. De acordo com Eduardo Guimarães (2007, p.64) entendemos por língua nacional “a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a este povo.” Assim, no caso do Brasil, ao falar o português o sujeito determina-se como cidadão desta nação, regularizando as relações com outras línguas. Segundo Guimarães (2005, p.22) a língua oficial é “a língua de um Estado, aquela que é obrigatória nas ações formais, nos seus atos legais”, ou seja, é a língua que os habitantes do país precisam saber para usar nas relações com as instituições do Estado. A língua oficial resulta, portanto, da decisão do Estado que exerce pressão normativa entre o judiciário e a escola, impondo a língua como exigida aos cidadãos para relações com a estrutura administrativa estatal. Assim, a língua oficial é também a língua nacional, pois não é possível que uma língua seja oficial de um país sem que essa seja também sua língua nacional. Dessa forma, o português é a língua oficial do Brasil e a língua nacional do povo brasileiro.

Assim como ocorreu com o latim em Roma até sua chegada em Portugal, no Brasil também ocorreu e ocorrem mudanças no seu léxico. É perceptível uma diferença no português vindo de Portugal que por várias vezes parece que estamos falando outra língua que não o português. Essa mudança ocorre devido ao fato de que os portugueses enviados ao Brasil, especialmente os jesuítas, encontraram em terras brasileiras vários dialetos próprios falados pelos nativos que, aqui, habitavam desde o litoral até o interior. Ademais, outro fator relevante é a grande área territorial brasileira de extensão continental, a qual possui muitas fronteiras com povos de idiomas diferentes, ocasionando mudanças, pois o português entra em contato com línguas de outros países. Dessa forma, essas mudanças fazem parte do processo de variações linguísticas do idioma, por meio do qual o português brasileiro foi adquirindo características próprias que o diferiu do idioma lusitano.

### 3 INFLUÊNCIAS INDÍGENAS E AFRICANAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para compreendermos uma língua, é primordial sabermos sua história, sua origem, de onde vem, de qual idioma evoluiu, em que contexto surgiu, levando em consideração as influências linguísticas de outros povos, que enriquecem e diversificam a língua. O português brasileiro nasceu do encontro de línguas africanas e indígenas com o português europeu. Todo esse contato colaborou para construção de uma variante da vertente metropolitana. Mas a política linguística filológica sempre defendeu a ideia de que a língua portuguesa era superior às línguas indígenas e africanas, estas que entraram em contato com a língua do colonizador. É importante ressaltar que essa ideologia ainda possui seguidores, que atribuem aos falares indígenas e africanos uma visão preconceituosa. Todavia, com o avanço da linguística moderna e contemporânea, surgiram assertivas que defendem a língua como diversificada e heterogênea, as quais consideram os influxos de matrizes africana e indígena como importantes agentes transformadores da língua portuguesa.

O português do Brasil foi influenciado por determinadas línguas, dentre elas as de matrizes africana e indígena, as quais se destacam como as principais influências transformadoras do português europeu. De acordo com Ismael de Lima Coutinho (2005, p. 327), “sujeito a influências múltiplas com a sua transladação para o continente americano, o português não poderia manter-se aqui sem se modificar.” Assim, esses pontos ajudam a conhecermos o processo histórico de uma língua e suas particularidades fonológicas, lexicais, semânticas e morfossintáticas.

Para melhor compreendermos as diferenças entre o “português europeu” e o “português brasileiro”, devido aos contextos sociais e históricos da interação linguística, precisamos destacar algumas diferenças observáveis entre as duas línguas. No quadro a seguir são enumeradas as principais diferenças entre as duas línguas de acordo com Ataliba Castilho (2009) e Coutinho (2005).

Quadro 1: Diferença entre o português brasileiro e o europeu

<b>PORTUGUÊS BRASILEIRO</b>	<b>PORTUGUÊS EUROPEU</b>
<b>FONÉTICA</b>	
A pronúncia do Brasil é frouxa, lenta e arrastada, isto é, as sílabas são proferidas distantes, para poder destacar todos os elementos que compõe cada palavra.  A tônica somente se distingue das outras	Na prosódia normal portuguesa as sílabas tônicas absorvem quase completamente as átonas, o que resulta em omissões de sons, tornando o falar áspero, enérgico e rápido.

<p>por conta da inflexão mais demorada da voz.</p> <p>O português brasileiro caracteriza-se pela vocalização bem articulada.</p>	<p>O português europeu apresenta um caráter mais consonântico, pois demonstra uma forte articulação das consoantes.</p>
<b>MORFOLOGIA</b>	
<p>Os sufixos portugueses <i>-ito</i>, <i>-ita</i>, que são substituídos por <i>-inho</i>, <i>-inha</i>: <i>rapazainho</i>; em Portugal é comum o sufixo: <i>rapazito</i>.</p> <p>Os pronomes reflexivos tendem a desaparecer: nos nossos dias não usa mais saía.</p>	<p>Emprego preferencial de formas verbais perifrásticas com gerúndio: <i>ando a trabalhar</i>.</p> <p>Os pronomes reflexivos se mantêm. O reflexivo <i>si</i>, em isto é para <i>si</i>, refere-se ao interlocutor.</p>
<b>SEMÂNTICA</b>	
<p><b>VARIAÇÃO SEMÂNTICA:</b></p> <p>Borrachudo - uma espécie de mosquito.</p> <p>Cangaço - quadrilha ou bando de cangaceiros.</p> <p>Fumo - certo produto vegetal.</p> <p>Moço - jovem.</p> <p>Moqueca - guisado de peixe.</p>	<p><b>VARIAÇÃO SEMÂNTICA:</b></p> <p>Borrachudo - rotundo como uma borracha.</p> <p>Cangaço - engaço/ resíduos de uva.</p> <p>Fumo - fumaça.</p> <p>Moço - infelicidade/mulher infeliz.</p> <p>Moqueca - termo de agricultura.</p>
<b>SINTAXE</b>	
<p>O pronome <i>ele</i> pode funcionar como objeto direto, redobrar uma construção de tópico, e aparecer na oração relativa copiadora, respectivamente: <i>Maria viu ela / A Maria, ela ainda não chegou / O menino que ele chegou</i>.</p> <p>Usa-se <i>ter</i> em lugar de <i>haver</i> nas construções existenciais: <i>Hoje não tem comida</i>.</p> <p>O sujeito vem anteposto ao verbo, e o objeto direto, posposto: <i>Maria comeu o chocolate</i>.</p>	<p>“Ele” só funciona como sujeito, o objeto direto pronominal é expresso por <i>o</i>, e não existem construções de tópico nem relativas copiadoras.</p> <p>Usa-se apenas <i>haver</i> nas construções existenciais: <i>Hoje não há comida</i>.</p> <p>O sujeito pode vir posposto ao verbo, antepondo-se o objeto direto: <i>O chocolate comeu-o Maria</i>.</p>
<b>LÉXICO</b>	
<p><b>DIFERENCIAÇÃO ENTRE ESTAS DUAS MODALIDADES DA LÍNGUA:</b></p>	<p><b>DIFERENCIAÇÃO ENTRE ESTAS DUAS MODALIDADES DA LÍNGUA:</b></p>

Esquadra	Delegacia
Elétrico	Bonde
Malga	Tigela
Socos	Tamancos
Talho	Açougue
Estanco	Tabacaria
Rebuçado	Bala

**Fonte:** Adaptado de Castilho (2009); Coutinho (2005).

Nesse sentido, conforme mostra o quadro o português brasileiro nunca foi o mesmo falado em Portugal, como também em vários outros países que fazem uso da língua portuguesa, falamos uma versão atualizada da língua, com aspectos característicos de cada região, mostrando assim as faces variadas de uma mesma língua. Conforme afirma Mattos e Silva (2004, p. 146)

[...] o português brasileiro deve, certamente, a sua riqueza lexical às línguas indígenas, sobretudo as do tronco tupi, mas não só; as línguas africanas, sobretudo as do grupo banto, mas não só; às línguas dos emigrantes que se fixaram em algumas regiões do Brasil e, sobretudo, diria, a uma tendência criativa, que o torna aberto e, sem preconceito em relação aos estrangeirismos.

A riqueza presente no léxico, que a autora da citação acima ressalta, é um fenômeno linguístico sempre presente em qualquer processo variacional pelo qual todas as línguas passam, isto também significa que todo o contexto histórico e social pelo qual o Brasil passou é de extrema importância para que se entenda a implementação da LP falada em nosso país.

Pensar na história do português falado no Brasil é valorizar uma face que o torna diferente dos demais usos que são feitos da LP por outros países, pois o português brasileiro, derivado do europeu, adquiriu sua versão a partir da participação dos grupos linguísticos e étnicos que estavam presentes em território brasileiro no período da colonização, recebendo influências de africanos e indígenas. Dessa forma, a LP falada no Brasil funciona como elemento caracterizador e representativo da cultura do país. Dessa forma, a variação do português brasileiro se dá em todos os níveis linguísticos.

O português brasileiro traz para si vocábulos e expressões que pertencem a línguas com as quais manteve contato. O convívio com outras línguas ocasiona uma adaptação e

também contextualização aos moldes históricos e sociais da língua receptora. Dessa forma, cada palavra ao ser integrada em outra língua sofrerá ganhos ou perdas de traços gráficos, fonéticos e semânticos. Sob essa perspectiva, serão tratadas adiante as influências linguísticas indígenas e africanas, que foram motivadas pela situação de contato no período da colonização, as quais são consideradas as mais significativas na formação do PB. Conforme aponta Faraco (2019, p.147):

Esta aquisição precária do português pelos escravos trazidos da África e pelos índios integrados na sociedade colonial e a progressiva nativização desse modelo defectivo de português nas gerações seguintes de seus descendentes tiveram importantes consequências para a formação da atual realidade linguística brasileira, em particular para suas variedades populares.

Importa pensarmos que a formação do português brasileiro se deu e se sustenta em bases históricas, nas quais as línguas indígenas e africanas fazem parte do acervo histórico brasileiro. Assim, quando a língua portuguesa chegou ao Brasil encontrou as línguas indígenas; a LP se impôs no novo território, mas acabou sendo influenciada por outras línguas por meio do contato.

As línguas faladas pelos africanos exerceram efetiva contribuição para consolidação do português brasileiro. Em relação às contribuições desse grupo são mais comuns as relacionadas à culinária, à religião, aos alimentos, etc. Os influxos se fizeram pela necessidade de comunicação para contextualizar coisas, alimentos, existentes no Brasil. Vejamos alguns exemplos dos influxos de tradições indígenas e africanas na formação do português brasileiro:

Quadro 2: Influxos de tradições indígenas e africanas

<b>INFLUÊNCIAS DE LÍNGUAS INDÍGENAS</b>	<b>INFLUÊNCIAS DE LÍNGUAS AFRICANAS</b>
Abacaxi = fruta cheirosa, rescendente	Cachimbo = aparelho de fumar
Araraquara = cidade de São Paulo	Caçula = filho mais novo
Capim = miúda, mato fino, folha delgada.	Cafuné = carinho feito na cabeça com a ponta dos dedos



Mandioca = raiz da planta mandi'íwa—, que era o nome da planta inteira	Fubá = farinha de milho
Mocotó: termo originado do tupi guarani mbo-coto). É um prato tradicional baseado em patas sem casco ou extremidades de bovinos	Moleque = menino
Piaba: Peixe de água doce que apresenta duas manchas escuras arredondadas nos lados	Quilombo = refúgio de negros fugidos

**Fonte:** Adaptado de Fiorin e Petter (2017); Ferreira (2013).

Os exemplos mostrados no quadro acima são palavras emprestadas de dois grupos importantes na formação do PB. Se a LP não aceitasse os empréstimo destas línguas não teria sido influenciada, o que determina a estrutura do PB hoje, pois caso negasse esses influxos continuaria sendo PE e não se adequaria de forma alguma à cultura brasileira, pois o idioma é uma cultura que representa e mostra sua comunidade. No entanto, a simples negação é um fenômeno que escapa ao controle da norma-padrão, pois ela é tensionada continuamente por outras formas de dizer.

#### **4 A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA AFRICANA E INDÍGENA FACE À TRADIÇÃO ORAL E ESCRITA**

A língua falada no Brasil deveria ser estudada profundamente, principalmente no que se refere às influências de outras línguas para o português brasileiro. É através dele que encontramos registros de diversas influências com as quais os falantes tiveram contato, especificamente as indígenas e africanas. Assim, é perceptível identificar uma relação entre a elite intelectual do país e o interesse de compreender a contribuição dessas duas matrizes. Para tanto, Dante Lucchesi (2012, p.47) nos concede uma explicação para entender o porquê de existirem tão poucos trabalhos sobre essa questão:

Até meados do século XX, grandes filólogos brasileiros que se debruçaram sobre o tema, imbuídos da visão conservadora e preconceituosa de superioridade cultural e linguística do colonizado europeu frente às populações indígenas e africanas, procuraram minimizar qualquer interferência desses povos na formação da realidade linguística brasileira.

Desta forma, é possível compreender que para Lucchesi (2012), essa omissão em relação às influências indígenas e africanas na formação do português brasileiro, se deve ao conservadorismo e ao preconceito em relação a essas matrizes. Assim, por muitas vezes os estudos linguísticos privilegiavam as pesquisas que se referiam às diferenças entre o “português brasileiro” em relação ao “português europeu”, não considerando a influência do contato linguístico entre as línguas que estavam presentes no território. Observamos, assim, que a tradição oral constitui um dos aspectos importantes das línguas dos negros e “índios”. A partir dessa modalidade, foram transmitidas de geração em geração os ensinamentos, as crenças, a maneira de compreender o mundo, dentre diversas outras coisas. Mas a cultura ocidental desvaloriza a modalidade oral, alegando que os povos que possuem o domínio da escrita são considerados portadores de uma cultura superior.

Todavia, a fala e a escrita utilizam o mesmo sistema linguístico e possuem elementos diferentes. Essas duas modalidades não devem ser vistas de forma dicotômica. Conforme afirma Marcuschi (2010, p.21), “a passagem da fala para escrita não é a passagem do caos para ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem”. Dessa forma, ambas não devem ser vistas em um nível de superioridade ou inferioridade em relação à outra.

Em qualquer sociedade, o armazenamento de informações e a fixação destes são realizados por meio de textos orais ou escritos. Mas as línguas africanas são reduzidas à condição de dialetos, pois não se admite que línguas oriundas do continente africano pudessem interferir numa “língua prestigiada”. Observa-se que ainda há certa resistência ou

negação da legitimidade das línguas negro-africanas ao analisar sua influência na formação do português brasileiro. Conforme afirma Castro (2001):

[...] aí se encontra a postura acadêmica de resistir à hipótese de que essas influências mútuas tenham contribuído para configurar o perfil do português brasileiro, a partir do princípio tácito de não admitir que línguas de tradição oral pudessem influir em uma língua de reconhecido prestígio literário como a portuguesa.

Todavia, a fala não deve ser entendida como simples meio de comunicação diária, mas como instrumento que resguarda a memória coletiva de um povo e por meio do qual a cultura sobreviverá. Conforme ressalta Vansina (2010, p.145):

“Tudo que uma sociedade considera importante para o perfeito funcionamento de suas instituições, para uma correta compreensão dos vários status sociais e seus respectivos papéis, para os direitos e obrigações de cada um, tudo é cuidadosamente transmitido”.

As línguas africanas muito antes de serem dicionarizadas eram preservadas em terreiros através de uma religiosidade que as transmitia oralmente. Contra a tradição oral em que as línguas africanas se fundamentam, há um prestígio ideológico atribuído pela cultura ocidental à escrita. Ademais, soma-se o fato de o nagô (iorubá) ser considerada uma das línguas sagradas das religiões afro-brasileiras, atribuindo aos sudaneses uma superioridade em relação a cultura dos bantos, por contraposição de uma cultura islamizada.

As línguas indígenas, assim como as línguas de outras regiões, recebem os qualificativos de “primitivas” ou “exóticas”. Esse preconceito está relacionado ao etnocentrismo, no qual os indivíduos encaram as demais culturas através do prisma de sua própria inserção ideológica, considerando “anormal”, ou fora de ótica (exótico) tudo o que diverge dela. Dada essa oposição ideológica, essa tensão também se aplica de forma legítima às línguas indígenas, que são faladas por povos de culturas distintas da ocidental. Além disso, são línguas de tradição oral, o que implica numa diferenciação ainda maior, dada a importância da língua escrita nessa cultura.

Na tradição oral, a permanência do texto repousa na memória do narrador/contador – no caso das línguas indígenas e africanas, na memória dos mais velhos, considerados mais sábios – enquanto na tradição escrita, o conteúdo do texto é fixado pela prática escritural e o conhecimento torna-se possível, mesmo que o enunciador não esteja presente.

Nesse contexto, as variações presentes no texto oral, que podem ser julgadas como imperfeições da oralidade, são consideradas seu princípio constitutivo, pois cada elocução do narrador é uma retransmissão e uma recriação das memórias do passado, que facilita a

memorização por parte do contador e a compreensão por parte do ouvinte. Portanto, uma característica significativa da cultura africana e indígena é sua estreita e profunda relação com a tradição oral. Ademais, vale ressaltar que as relações entre a oralidade e a escrita são complexas e amplas, considerando a relação entre o oral e o escrito como um dos elementos caracterizadores das matrizes africanas e indígenas.

Acreditamos que a história e a memórias dos povos indígenas e africanos permanecem vivos em nossa cultura. Em relação à cultura, podemos salientar que está materializada, especificamente, na nossa literatura oral expressada a partir das lendas, mitos, provérbios, etc., como também servindo como base para a literatura escrita. É importante destacar que, no Brasil, essas duas matrizes informam muito sobre a tradição oral, as quais recriam a memória dos feitos e fatos dos antepassados para ressignificar a vida em suas comunidades.

Desse modo, as influências dessas duas matrizes linguísticas trazem o significado de cada palavra presente em sua cultura, pois através de cada vocábulo expresso constrói-se um diálogo, que é considerado uma prática essencial no cotidiano das comunidades. Diante de tais considerações, podemos compreender a tradição oral como uma fonte rica de ensinamentos e saberes, para que a sociedade se integre no tempo, no espaço e nas grandes contribuições dessas culturas, bem como no aporte linguístico do português brasileiro.

Ademais, é importante ressaltar que a oralidade não deve ser menosprezada, pois é uma forma de registro tão complexa quanto a escrita, a qual faz uso de improvisações, gestos, canções entre muitas outras formas de expressão. Assim, a escrita não é a única forma de registrarmos os conhecimentos, apontando nossas memórias, a oralidade sempre será importante para preservar a cultura indígena e africana no Brasil.

Todavia, é importante salientar que poucos pesquisadores se dedicam aos estudos dos falares indígenas e africanos que contribuíram fortemente para a língua que falamos. Por vezes, as pesquisas preocupam-se apenas em verificar a parte em que essas duas matrizes atuaram como responsáveis pela diferença entre o português brasileiro e o português europeu, isto é, apenas estudar a parte que articula uma diferenciação linguística.

Desse modo, é notório que exista uma visão preconceituosa, purista e conservadora, para tanto Sônia Queiroz (2002, p.48) afirma que essa visão ainda é presente em nossa sociedade. Essa ressalta que apesar dessas duas influências serem elementos contribuintes fortemente para formação do PB, por muitos anos e ainda atualmente não recebem a apropriada atenção. Conforme afirma a autora:

[...] é comum entre nós a mentalidade assimilacionista, que privilegia a tradição europeia e relega nossos índios e negros ao plano das simples influências, como se nossa cultura os precedesse, o que, levado às últimas consequências, corresponde a dizer que a civilização brasileira é anterior ao próprio descobrimento do Brasil!

Assim, conforme salienta Queiroz (2002), as matrizes indígena e africana são vistas por muitos como influências de uma cultura brasileira, anterior a elas. Desta forma, constrói-se uma hipótese de que exista uma cultura autônoma independente da afro brasileira. Todavia, os estudos com o passar dos anos avançaram e reconheceram o português falado em território brasileiro como uma língua amplamente diversificada. Entretanto, existe uma grande ausência nas pesquisas sobre a influência dessas duas matrizes na formação do português brasileiro, devido à falta de documentação que comprove os registros linguísticos da época. Assim, por inúmeras vezes os estudos são realizados a partir de uma visão preconceituosa, passível de equívocos. Diante de tais considerações, é importante salientar que existe uma cultura enraizada na mente de grande parcela da sociedade, que atribui um privilégio ao ato da escrita, considerando menos relevante o ato de falar. Consequentemente, as pessoas que dominam a modalidade escrita são dadas como portadoras de uma cultura superior às demais, logo, as pessoas que são “conhecedoras da oralidade” são vistas como dotadas de uma cultura inferior, pitoresca e ou estigmatizada.

## 5 DIFERENÇA ENTRE O RACISMO LINGUÍSTICO E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

É flagrante o fato de que embora estejamos no século XXI, embora tenham se passado mais de cem anos da “abolição” do regime escravista e embora tenhamos como seres humanos realizado feitos nunca antes sequer imaginados, nós ainda pensamos e agimos como se estivéssemos no século XVIII ou XIX no que diz respeito às nossas interações com o quê ou quem é “diferente”, principalmente quando nos referimos à situação do negro no Brasil. Como bem salienta Florestan Fernandes (1965, p.75), ao falar sobre a continuidade, no presente, das relações e “condições psicossociais e socioculturais” existentes desde a época da escravidão:

Aliás, ainda hoje seria possível descrever ao vivo tais estruturas raciais persistentes. Elas se preservaram com tamanha tenacidade, que seria perfeitamente possível e logicamente legítimo estudar o passado através do presente. É sabido que, em certas circunstâncias, o passado não se conserva apenas nos documentos e nas lembranças dos homens: ele também se evidencia por sua mentalidade, por seu comportamento e pelo funcionamento das instituições.

Essa essencialização tão “gritante” dentro das reivindicações identitárias por parte dos negros, principalmente por parte dos movimentos negros, dá-se em grande parte porque ainda vivemos sob o mito da democracia racial. Embora possa parecer uma afirmação contundente e fora de contexto histórico, visto que a fabricação desse mito surgiu nos anos 1930 e ainda está presente no imaginário de “nação brasileira” que temos, aparecendo com mais ou menos força a depender do contexto histórico em que estejamos vivendo.

Ainda é muito latente a discussão sobre se existe preconceito racial ou social no Brasil, visto que antes de sermos negros, brancos ou “índios”, as três raças que “aprendemos” a aceitar como estando na origem desta nação, somos brasileiros! Uma espécie de “nova raça” criada a partir de uma mistura pacífica entre as três raças acima e, portanto, não cabe falar em negros ou brancos, mas em brasileiros.

O racismo não é uma relíquia histórica ou uma coisa do passado, mas uma lógica estrutural que foi passada de geração em geração e atinge os negros. Porém, provar que raça é uma categoria social e não biológica é mostrar as consequências da eliminação das diferenças raciais estruturais e do problema do racismo no Brasil. Esse racismo costuma se manifestar de diferentes formas no Brasil, assim, cabe perguntar, no que diz respeito à linguagem, se a língua portuguesa desempenhada em território brasileiro é tão importante quanto quem a fala, ela não representaria os valores desses falantes?

Nesse sentido, se a grande maioria dos falantes do português brasileiro admitem o racismo a outros, no entanto não admitem serem eles mesmos racistas. Assim, por mais que seja possível argumentar sobre a distância entre o português europeu e português brasileiro e as inúmeras contribuições de influxos de matrizes indígenas e africanas, a língua falada no Brasil é intrínseca e notadamente negra, na qual “xingamentos explícitos” e “jargões” cuja origem e uso são extremamente racistas, ilustrando o quanto o português brasileiro é racista, marcado pelo preconceito e obscurantismo.

Definir racismo linguístico implica em olhar pelo viés do discurso colonialista e de branquitude. Assim, é preciso compreender que racismo e raça são construtos sociais, isto é, uma ideologia racialista e não uma visão realista da natureza. Segundo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2009, p.31)

O conceito de “raça” não faz sentido senão no âmbito de uma ideologia ou teoria taxonômica, à qual chamarei de racialismo. No seu emprego científico, não se trata de conceito que explique fenômenos ou fatos sociais de ordem institucional, mas de conceito que ajude o pesquisador a compreender certas ações subjetivamente intencionadas, ou o sentido subjetivo que orienta certas ações sociais.

Assim, raça é uma construção originada externamente para o negro, e não dele mesmo. Para tanto, Gabriel Nascimento (2019) nos chama a atenção para o conceito de raça que seria um construto biológico, elaborado pela branquitude, além de dizer que o conceito de raça é fruto de violência e não de reivindicação da identidade. Dessa forma, “não se apenas produz os negros como a raça, mas também os brancos como aqueles não responsabilizados por essa criação” (NASCIMENTO, 2019, p. 76).

Em seu livro “Racismo Linguístico”, o pesquisador intriga:

A língua tem cor? Em si, como iniciamos anteriormente a argumentação, nenhuma língua tem cor porque nenhuma língua existe em si. Entretanto, ao serem politizadas, as línguas têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos de poder, dentre os quais o próprio colonialismo fundado a partir de 1492 e a colonialidade que ainda continua entre nós como continuidade dele. (NASCIMENTO, 2019, p. 21)

Ao tratar do racismo linguístico, Nascimento (2019) lembra-nos que o preconceito contra o português brasileiro é uma forma de o racismo se concretizar em nossa sociedade, ou seja, esse preconceito é uma “via do preconceito racial no país, em seu caráter linguístico”. Diante de tais considerações, o ensino tem um papel de extrema relevância, envolvendo educandos e educadores, no desafio de estudar nossa língua portuguesa, em seus discursos históricos de segregação.

A forma como a língua portuguesa é ensinada nas escolas conduz o estudante a acreditar que as diferenças linguísticas, em especial as de matrizes africanas – herdadas pela colonização e culturalmente desvalorizadas – constituem um “defeito” no uso da língua. Assim, esta diferença é vista, por muitos, como um mal a ser erradicado. Dessa forma, a escola é a nossa fonte primordial de letramento político para consubstanciar práticas sociais mais críticas e que sustentem o debate acerca do “racismo linguístico” em sala de aula.

Assim, percebemos que o termo “racismo linguístico” foi concebido para analisar a língua e a estrutura sociocomunicativa de pessoas em ambientes instituídos na sociedade, como na escola, no tribunal, nos hospitais, nas igrejas e onde exista interação entre os utentes do português brasileiro. De forma bastante singular, a noção de “branquitude” ou de “branqueamento” e a discussão acerca do tema da coloração nos impõem o conceito de “raça” para tratar da opressão sofrida por milhões de brasileiros/as em situação de aprendizagem. Por isso, a escola ou a universidade são ambientes em que as relações raciais se esgarçam e replicam de forma expressiva o racismo em suas dependências. A marca do racismo na linguagem é também diversa e muitas vezes foge à percepção mais atenta. Portanto, o racismo linguístico representa as relações de poder estabelecidas em qualquer ambiente onde exista pessoas em situação de interação comunicativa.

Portanto, é correto admitir que a influência da matriz africana na língua portuguesa é excluída do ensino ou mesmo considerada de forma pitoresca (no léxico religioso, na culinária, nos instrumentos musicais, nas danças etc.) porque o que se ensina, na maioria das vezes, é o que preconiza a gramática normativa e não o que a língua produz na comunicação diária, produtiva e afetiva dos brasileiros. Assim, devemos ensinar o português brasileiro, dinâmico e expressivo, com a mesma equidade que as normas de prestígio são tratadas.

Diante de tais considerações precisamos diferenciar preconceito de racismo linguístico. Assim, o preconceito linguístico faz parte de um inventário de mazelas sociais, que insurge contra milhões de falantes em uma sociedade, na qual os usos linguísticos são considerados errados e/ou feios, e comprometem o direito fundamental do uso da língua como produtora de sentidos.

Marcos Bagno (2006, p.40) explica que:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]”.



Diante de al citação, há a exclusão de identidades linguísticas, apartando os falantes do seu convívio social. Dessa forma, o preconceito linguístico é uma expressão austera da opressão e da intolerância aos indivíduos que ocupam culturas e camadas marginalizadas na sociedade. Já o racismo linguístico é uma consequência inequívoca de séculos de escravidão e da subalternização do negro na sociedade. Assim, as práticas racistas são expressas em nossa língua de várias formas e, por muitas vezes, esse racismo se dilui nas normas de prestígio de modo a contribuir para a exclusão dos estratos linguísticos tão presentes no português brasileiro.

O preconceito não está necessariamente relacionado a questões raciais. A variação linguística está relacionada à classe social, a escolaridade, a região. Dessa forma, o preconceito linguístico é limitado, porque leva em conta apenas o desprezo pelas variações linguísticas. Não leva em conta a negação do caráter pluriétnico de nossa língua pela história de marginalização das línguas africanas e indígenas em busca de um português europeu puro, sem os marcadores de diferentes povos indígenas ou populações africanas. O racismo linguístico trata especificamente de raça, de questões que envolvem a condição social, cultural e histórica, na qual os negros e indígenas majoritariamente são submetidos.

Nesse sentido, o racismo linguístico se manifesta na nossa língua de duas maneiras; apagando ou não aprofundando as origens de certas palavras – quando ignoramos as contribuições e estruturas linguísticas associadas a essa herança indígena e africana – e pela discriminação direta de palavras e expressões da linguagem. Dito isso, o racismo na linguagem pode estar relacionado à remoção de expressões positivas associadas a essas culturas, ou, inversamente, expressões que estão em nossa língua há muito tempo, mas, sem que às vezes percebamos, tem uma conotação depreciativa para pessoas marginalizadas, como será visto em nossa análise.

## **6 O RACISMO LINGUÍSTICO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

A pesquisa documental é um tipo de pesquisa extremamente importante que possibilita avanços científicos aos estudos de temas, pois através dela torna-se possível pesquisar determinadas temáticas e propor um novo olhar. Nossa pesquisa compreende como se dá a abordagem do Racismo Linguístico nos Livros Didáticos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. Assim, optamos por uma análise qualitativa/interpretativa de materiais didáticos, por ser o método mais oportuno para este tipo de pesquisa que escolhemos. Objetivamos com essa pesquisa observar o modo como o Racismo Linguístico é trabalhado em duas coleções de 8º e 9º anos.

Em se tratando da língua portuguesa, somos formados e treinados para pensar que as vertentes que fogem ao modelo idealizado de norma culta constituem-se como um “erro”. Assim, o falante da língua que não faz uso da modalidade considerada de prestígio pela escola, por muitas vezes, é visto com um olhar crítico, sendo vítima não raramente de julgamentos perniciosos.

Nesse sentido, buscamos enfatizar que o papel da escola não se restringe em ensinar a norma padrão, prescrevendo o que é certo e errado, mas ensinar a mesma respeitando a diversidade de cada falante e integrando o indivíduo no processo de ensino/aprendizagem, fazendo com que ele seja capaz de compreender e assimilar as regras, possibilitando que sua forma de falar possa ser adaptada ao meio social em que se encontra em determinado momento.

Nessa perspectiva, apontamos a importância de refletir e analisar a forma como o viés linguístico é abordado nas escolas e, mais especificamente, nos livros didáticos, observando se o tema aparece no livro ou se o mesmo se delimita a um estudo superficial, no qual essas duas matrizes não apresentam uma grande representatividade.

### **6.1 – Abordagem metodológica**

Optamos por realizar uma análise dos Livros Didáticos, com base no tema da pesquisa. Entretanto, escolhemos unidades diferentes, visto que podemos ter uma visão ampliada por autores distintos. O corpus selecionado para compor esta pesquisa é formado por quatro unidades de livros, que fazem parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) - 2020.

Os critérios utilizados para selecionar os livros foram pautados nos seguintes pontos:

- Livros Didáticos que façam parte de coleções aprovadas pelo PNLD;
- Materiais didáticos que estejam sendo usados em escolas públicas;
- Livros Didáticos de autores diferentes, pois torna-se importante verificar a temática de abordagem do Racismo Linguístico por outros olhares.

Os livros selecionados são do Ensino Fundamental II, especificamente com os 8º e 9º anos. Escolhemos para análise dos livros didáticos de duas escolas da cidade de Queimadas-PB<sup>1</sup>, uma municipal chamada Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Vital do Rêgo e uma outra chamada Escola Estadual de Ensino Fundamental José Tavares.

Para a realização desta pesquisa, seguindo os objetivos propostos, realizaremos a análise de quatro unidades do Livro Didático de Língua Portuguesa, dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II, conforme quadro 1 abaixo:

Quadro 3: Livros Didáticos analisados

<b>Obra</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Nível</b>
Tecendo Linguagens	Tania Amaral Oliveira Lucy Aparecida Melo Araújo	2020	Ensino Fundamental
Se Liga na Língua	Wilton Ormundo Cristiane Siniscalchi	2020	Ensino Fundamental

Fonte: Autor (2022)

Abaixo, o Quadro 2 apresenta as capas das obras citadas para ilustração e melhor visualização dos títulos analisados e considerados neste estudo.

Quadro 4: Capas das obras analisadas

---

<sup>1</sup> Os livros de duas escolas de Queimadas/PB foram escolhidos pois a orientanda reside nessa cidade, como também leciona nos 8º e 9º anos do Fundamental II.



Fonte: Autor (2022)

Os livros Tecendo Linguagens 8º e 9º anos, aprovados na coleção 2020-2023 do PNLD, estão estruturados em 4 unidades, compondo 8 capítulos. Cada unidade aborda uma temática diferente e propõe trabalhar os quatro eixos do ensino de línguas. Os livros trazem atividades que englobam os quatro eixos de ensino da língua portuguesa.

Os livros Se Liga na Língua 8º e 9º ano, aprovados na coleção 2018 do PNLD, estão organizados em 8 capítulos, cada capítulo trabalha um gênero discursivo diferente e o livros propõem trabalhar os quatro eixos do ensino de língua portuguesa, que são: oralidade, leitura,

produção de texto e análise linguística/semiótica. Além disso, os livros também apresentam atividades que contemplam inúmeras habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como também trabalha a interdisciplinaridade e a interculturalidade.

## **6.2– Análise e discussão dos resultados**

### **6.2.1 Livros didáticos do 9º ano**

- Tecendo Linguagens

O livro “Tecendo Linguagens”, 8º ano, não contém nenhuma referência direta ou indireta ao racismo linguístico, em nenhuma de suas unidades. Percebemos que essa ausência sugere que outros livros didáticos também podem ser falhos e que insinua uma forma de atuação do racismo linguístico, no sentido de legitimar sua violência, institucionalizando a exclusão de metodologias teóricas que possam subsidiar o ensino antirracista no domínio da língua portuguesa, ou seja, seu ato se camuflar e perpetuar o status que sem qualquer questionamento crítico ao modelo racista de comunicação, de interação sociocomunicativa.

A não incorporação desses conteúdos dos livros didáticos deixa o debate sujeito à vontade dos professores, que podem não conseguir abordar as questões por negligência ou formação inadequada, deixando grandes lacunas que muitas vezes sustentam múltiplas expressões de violência e discriminação. Outro aspecto que destacamos é que o ensino de gramática ainda se baseia em um paradigma estruturalista e, portanto, prioriza a análise de sistemas desvinculados de seu contexto social.

Nesse sentido, dois pontos devem ser considerados. Primeiro, ao separar língua e sociedade, ou seja, ao ignorar o uso específico da língua, os professores e alunos são privados da consciência de que esse uso não é neutro e de como identificar e refletir sobre questões de relações de poder e racialização, ou seja, entender a percepção do racismo linguístico em vários comportamentos comunicativos, privando-os assim de estratégias de pensamento para superar essa realidade.

Nesse contexto, o racismo linguístico opera por meio da exclusão, preservando as políticas coloniais baseadas na rigidez gramatical que repudia a norma não-padrão e no ensino estrutural da homogeneidade linguística. Ao reproduzir as hierarquias raciais por meio do uso da linguagem em sala de aula, ou seja, apenas a gramática normativa ter um lugar de prestígio no ensino escolar, os professores constroem um racista a partir de livros didáticos. Assim, a

aprendizagem isolada da gramática não acrescenta muito a formação do indivíduo na sociedade.

#### - Se Liga na Língua

No livro didático “Se Liga Na Língua”, 8º ano, não encontramos menção ao racismo linguístico em nenhum dos capítulos analisados. Assim, validamos a omissão da participação dos grupos que são vítimas de racismo linguístico na sociedade como se não fizessem parte da história, como se não contribuíssem e lutassem para concretizar os direitos que hoje buscam usufruir. Nos livros didáticos, a natureza humana e a cidadania são representadas majoritariamente por homens brancos e de classe média, não são descritos os negros e indígenas.

É preciso desmistificar o branco e sua cultura como se fossem a melhor, a única que vale a pena seguir e admirar. É preciso valorizar as outras culturas que existem, sejam africanas, indígenas ou qualquer outra, pois todas as comunidades têm um valor importante na vida social. Mas, embora os livros didáticos não mudem a maneira como contam suas histórias, essa responsabilidade é transferida para escolas e para os professores, visto que o profissional pode mudar o que está escrito no livro, acrescentando algo a melhorar ao falar dessa população vulnerável e marginalizada de longa data.

Portanto, consideramos que o LD replica e comunica discursos racistas que apontam os brancos como representantes da espécie humana e naturalizam seu status social dominante. Assim, enfatiza mais ou menos a continuidade de um discurso racista institucionalmente construído. Nesse sentido, a escolarização no Brasil - ainda pautada apenas em visões normativas, nos moldes da antiga política de colonização linguística - não avançará significativamente na superação do racismo linguístico, nem poderá questionar a violência que sustenta a discriminação racial.


### **6.2.2 Livros didáticos do 8º ano**

#### - Tecendo Linguagens

No livro didático Tecendo Linguagens 9º ano, observamos que não há referência ao racismo linguístico em nenhuma das suas unidades. Em contrapartida, o livro traz no capítulo 6 a seguinte temática: As várias faces do preconceito, apresentando o que é tal conceito, como também diferencia o preconceito da discriminação. A unidade traz uma seção chamada “Hora da pesquisa” que propõe sugestões de investigação relacionadas ao tema ou a textos estudados

no capítulo. Nessa parte o livro cita o preconceito linguístico, solicitando aos alunos uma pesquisa para maiores informações sobre a temática, isto é, o LD não apresenta nem a definição para o alunado, ficando a mercê deles descobrir o que de fato seria. Dessa forma, se o livro não apresenta nem mesmo o preconceito linguístico que é conhecido e estudado, obviamente o racismo linguístico não seria discutido nesse livro.

**Figura 1:** As várias faces do preconceito



## As várias faces do preconceito

**PARA COMEÇO DE CONVERSA**

1. Você sabe o que é preconceito? E discriminação? Leia o texto a seguir.  
*Resposta pessoal.*

**O que é preconceito?**

Preconceito significa decidir antecipadamente como alguém é sem tentar conhecê-lo antes. As pessoas com preconceitos raciais ou culturais acham que, pelo simples fato de um indivíduo pertencer a um grupo de outra etnia ou de outra cultura, já tem determinado comportamento e valores previsíveis.

Essas pessoas, normalmente, dizem: “Tal grupo de pessoas é preguiçoso ou estúpido”; ou então: “Não se pode confiar nesse tipo de pessoa”. E, se por acaso, conhecem com mais profundidade alguém de um grupo foco de preconceito, dizem: “Bem, este é diferente”.

Mas, muitas vezes, a própria experiência não é suficiente para mudar a visão falsa e estereotipada sobre as pessoas daquele grupo.

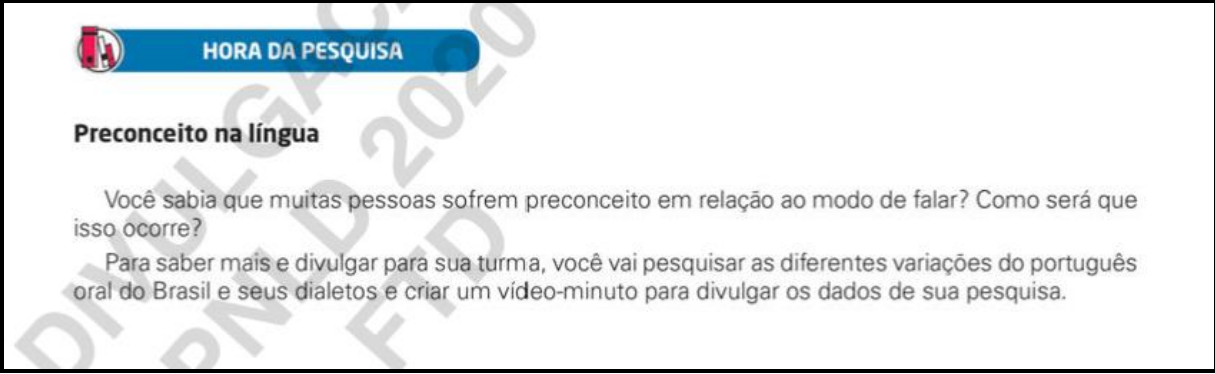
**Preconceito x discriminação**

Há uma diferença entre esses dois conceitos, embora preconceito e discriminação costumem andar juntos. Preconceito é um julgamento prévio. Discriminação é uma ação. Sendo assim, quem discrimina faz algo negativo contra alguém movido por ideias e sentimentos preconceituosos.

GRUNSELL, Ângela. *Racismo*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

2. Você conhece alguém que já tenha sofrido algum preconceito? Conte o que aconteceu e o que a pessoa fez diante do fato.  
*Resposta pessoal.*
3. Você já presenciou casos graves de discriminação? Em caso afirmativo, de que tipo e como foi?  
*Resposta pessoal.*
4. Que providências você acha que precisariam ser tomadas para impedir ou inibir manifestações de caráter preconceituoso? O que, em sua opinião, sua escola poderia fazer sobre isso?  
*Resposta pessoal.*

**Figura 2:** Hora da Pesquisa



**HORA DA PESQUISA**

**Preconceito na língua**

Você sabia que muitas pessoas sofrem preconceito em relação ao modo de falar? Como será que isso ocorre?

Para saber mais e divulgar para sua turma, você vai pesquisar as diferentes variações do português oral do Brasil e seus dialetos e criar um vídeo-minuto para divulgar os dados de sua pesquisa.

Desta forma, é importante destacar a carência deste assunto, que muito necessita de explicação e estudo nos livros didáticos, confirmando que é mais disfarçado do que visto. Assim, deveria ser possível neste capítulo, que os autores mostrassem a diferença entre preconceito e racismo linguístico, pois contribuiria para a disseminação dos mesmos. A seguir, apresentamos algumas indagações que poderiam estar no livro para conferir os estudos sobre preconceito e racismo linguístico.

O livro poderia fazer a seguinte pergunta: Qual a diferença entre o preconceito linguístico e racismo linguístico? E posteriormente explicar que o preconceito não está necessariamente relacionado a questões de raça. As diferenças linguísticas estão relacionadas à classe social, região e geração, apontando que o preconceito é limitado, pois leva em conta apenas o desprezo pelas variedades populares da língua. Não leva em conta a negação do caráter pluriétnico de nossa língua devido à história de marginalização das línguas africanas e indígenas, em busca de um português europeu puro sem marcadores de diferentes povos indígenas ou populações africanas. Além disso, salientando que a ênfase no racismo linguístico é específica da raça, da história, da cultura e das condições sociais dessa violência, a qual a maioria dos povos negros e indígenas tem sofrido.

No mesmo capítulo o livro apresenta na seção “Para você que é curioso” dez maneiras de contribuir para uma infância sem racismo, mostrando em um dos tópicos que textos, piadas, expressões podem ser estigmatizantes, chamando a atenção para a indignação se isto acontecer.

**Figura 3:** Para você que é curioso



**PARA VOCÊ QUE É CURIOSO**

**Dez maneiras de contribuir para uma infância sem racismo**

1. Eduque as crianças para o respeito à diferença. Ela está nos tipos de brinquedos, nas línguas faladas, nos vários costumes entre os amigos e pessoas de diferentes culturas, raças e etnias. As diferenças enriquecem nosso conhecimento.
2. Textos, histórias, olhares, piadas e expressões podem ser estigmatizantes com outras crianças, culturas e tradições. Indigne-se e esteja alerta se isso acontecer – contextualize e sensibilize!
- [...]
5. Não deixe de denunciar. Em todos os casos de discriminação, você deve buscar defesa no conselho tutelar, nas ouvidorias dos serviços públicos, na OAB e nas delegacias de proteção à infância e adolescência. A discriminação é uma violação de direitos.
6. Proporciono e estimule a convivência de crianças de diferentes etnias nas brincadeiras, nas salas de aula, em casa ou em qualquer outro lugar.
7. Valorize e incentive o comportamento respeitoso e sem preconceito em relação à diversidade étnico-racial.
- [...]
9. Órgãos públicos de saúde e de assistência social estão trabalhando com rotinas de atendimento sem discriminação para famílias indígenas e negras. Você pode cobrar essa postura dos serviços de saúde e sociais da sua cidade. Valorize as iniciativas nesse sentido.
10. As escolas são grandes espaços de aprendizagem. Em muitas, as crianças e os adolescentes estão aprendendo sobre a história e a cultura dos povos indígenas e da população negra; e como enfrentar o racismo. Ajude a escola de seus filhos a também adotar essa postura.

UNICEF Brasil. Dez maneiras de contribuir para uma infância sem racismo. Disponível em: <<https://uni.cf/1mfRqeI>>. Acesso em: 27 set. 2018.

Como pode ser visto esse seria possivelmente um momento de ser apresentando o racismo linguístico, no entanto mais uma vez ele não é nem citado. No último tópico é mencionado que as escolas são espaços de aprendizagem, que nelas se aprende sobre as histórias dos povos africanos e indígenas, e como enfrentar o racismo. Na imagem verificamos que o livro se torna contraditório, pois não são apresentadas histórias sobre essas duas matrizes, ou seja, faz uma crítica às escolas, mas não apresenta o que ele critica.

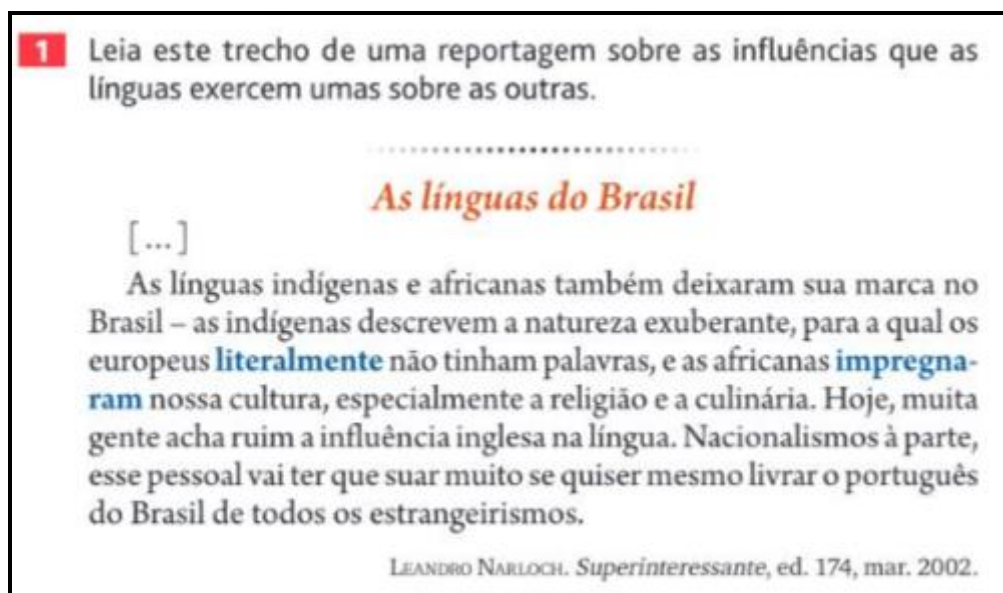
Assim, poderia ser apresentado no capítulo como o racismo se manifesta em nossa língua, mostrando que isso pode acontecer de duas maneiras: apagando ou não aprofundando as origens de certas palavras – quando ignoramos contribuições e estruturas linguísticas relacionadas a essa herança indígena e africana – e pela discriminação direta de palavras e expressões da linguagem, isto é, enfatizar o racismo na linguagem pode ter algo a ver com a remoção de expressões positivas associadas a essas culturas, ou, inversamente, expressões que estão em nossa língua há muito tempo, mas sem que às vezes percebamos, replicando o

racismo linguístico, como por exemplo: a coisa tá preta, inveja branca, preto de alma branca, mercado negro, criado-mudo, ovelha negra, mulata, denegrir, etc.

- Se Liga na Língua

O conteúdo sobre racismo linguístico não está presente no livro, mas no primeiro capítulo na parte “Mais da Língua” são mostradas contribuições de outras línguas, mas não apresenta o racismo linguístico que existe contra elas, conforme aponta a imagem abaixo:

**Figura 4:** As línguas do Brasil



Observamos no capítulo maior destaque no tratamento das variações linguísticas, dedicado a abordar questões sobre o motivo pelo qual a língua sofre variações. No entanto, é preciso pontuar que, na dimensão linguística, os avanços têm sido muito tímidos e o problema da racialização da língua tem sido ignorado.

Na página 32 do livro, é apresentado um texto que faz referência à contribuição da influência africana na formação do português brasileiro, mas nada que apresente a questão da prática racista contra a linguagem. Assim, consideramos que as línguas indígenas e africanas resistem e ao lado da língua portuguesa são concorrentes a práticas de significação e de comunicação social, dentro dos limites das quais cada língua se reportava a uma cosmologia específica.

**Figura 5:** Contribuições das línguas africanas

Identificamos a preocupação dos autores em explorar a formação do português brasileiro por meio da apresentação de um texto. Contudo, não há o interesse de demonstrar o racismo linguístico existente contra eles, a principal intenção é mostrar que eles fazem parte das variações linguísticas da língua portuguesa.

Na página 36 do livro, há uma atividade na qual uma questão traz palavras de outras línguas que foram aportuguesadas em diferentes momentos, para que os alunos possam descobrir de qual língua cada palavra teve origem.

**Figura 6:** Palavras aportuguesadas

g) Leia as palavras do quadro a seguir, copie a tabela no caderno e complete-a com as palavras lidas. Todas as palavras tiveram origem em outras línguas e foram aportuguesadas em diferentes momentos.

samba – sanduíche – arroz – bife – azeite – senzala – envelope –  
nanquim – abajur – capim – carioca – abacaxi – pitanga –  
fubá – cafuné – ópera – açúcar – cenário – cipó – avenida –  
futebol – gabinete – chá – sucuri – turismo

1g. Árabe: arroz, azeite, açúcar. Chinês: chá, nanquim. Francês: abajur, avenida, envelope, gabinete. Inglês: futebol, turismo, sanduíche, bife. Italiano: ópera, cenário. Quimbundo: senzala, samba, fubá, cafuné. Tupi-guarani: capim, carioca, cipó, abacaxi, pitanga, sucuri.

Árabe	Chinês	Francês	Inglês	Italiano	Quimbundo	Tupi-guarani

O **quimbundo** é uma língua usada, principalmente, em Angola.  
O **tupi-guarani** é uma família que engloba várias línguas empregadas pelos indígenas sul-americanos.

Compreendemos que há uma resistência pela apropriação das línguas que influenciaram o português brasileiro, portanto, não deve ser tratada apenas em termos de estrutura. É preciso enfatizar seu caráter histórico e social, os conflitos de poder que o permeiam em seus paradoxos, matizes e complexidades.

Diferentemente do que apresenta o livro da coleção anterior, na página 72, do LD é apresentado o preconceito linguístico com um texto, trazendo o seu conceito e frisando a importância da escola para aproximar os alunos das variedades urbanas de prestígio, mas assim como os outros livros analisados não traz uma apresentação do racismo linguístico.

**Figura 7:** Preconceito linguístico





Dessa forma, se as línguas são estigmatizadas, é porque são racializadas, não porque sejam menos complexas do ponto de vista linguístico e comunicativo do que as chamadas variantes padrão, ou porque constituem qualquer forma de agramaticalidade. Contudo, a ausência de materiais didáticos sobre a temática geram, em certa medida, uma cumplicidade entre a educação escolar, o que mostra claramente que os avanços curriculares conquistados nas últimas décadas, embora importantes, não são suficientes diante do racismo linguístico.

### 6.3 Considerações sobre as obras analisadas

A partir dos livros didáticos das duas coleções analisados, observamos que os livros apenas colocam uma palavra de origem africana e indígena para discutir e não trazem as contribuições desses povos, a história da transformação da linguagem, há quanto tempo eles estão contribuindo na mudança da nossa língua. Não há tentativa ou exploração de desmistificar discursos rejeitados e dar legitimidade e visibilidade ao discurso que esses diferentes povos e essas diferentes raças trazem.

Não vemos uma discussão sobre o racismo linguístico nos livros didáticos<sup>2</sup>, especialmente se compararmos com o preconceito e a variação linguística - por exemplo, é um dos tópicos mais possíveis de caírem nos exames de admissão hoje. Mas, ao assumir que a

<sup>2</sup> O racismo linguístico não é visto na Base Nacional Comum Curricular em nenhum dos anos do fundamental II, como também no nível médio.

linguagem está viva, dirigimos e refletimos mais sobre ela, ainda que apenas um pouco. Por exemplo, ainda há muita resistência nas universidades à questão do racismo linguístico e até da linguagem neutra. Infelizmente, esse é um tema ainda incipiente nos cursos de graduação, em um espaço onde a linguagem é debatida entre os acadêmicos.

Ao apresentar apenas uma única variante possível, ela nega toda a heterogeneidade discursiva das demais populações que não dominam e utilizam normas padronizadas. Desta forma, suportam a colonização do idioma, porque a língua que hoje é a norma-padrão é uma língua branca, que marginaliza e silencia as contribuições de outras culturas que compõem a sociedade especialmente as línguas africanas e indígenas

Uma educação democrática que traz para a escola as contribuições dos diferentes povos que compõem o Brasil não pode deixar de ver a linguagem e entender que esta é uma fase de debate, na qual a matriz branca é privilegiada em detrimento de algumas influências da nossa língua.

É urgente que se fale sobre o racismo linguístico a cada vez que aparece uma palavra racista, a cada vez que pensamos e discutimos a origem do português, em todos esses momentos deveríamos estar falando sobre esta temática. Somente abraçando verdadeiramente essa visão das relações étnicas e raciais podemos construir uma educação que seja significativa para os alunos e mude a realidade vivenciada nos dias atuais.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é tão difícil compreender que a história da escravidão soma-se à negligência e preterimento oficiais, os quais explicam a desigualdade material e o acesso a bens e serviços causados pela desigualdade racial, isto é: essas são as bases históricas do racismo brasileiro; esse racismo costuma se manifestar de diferentes formas e, de forma especial, investigamos o aporte linguístico.

Nesta perspectiva, o português falado no Brasil compreende o acúmulo de tradições e culturas que contribuíram para formação e consolidação sociolinguística deste lado do Atlântico. Entretanto, existe uma acepção (imane, purista, conservadora, preconceituosa) que descarta sumariamente as influências das matrizes africanas como motivações extralinguísticas capazes de exercer modificações na estrutura da língua portuguesa desempenhada no Brasil.

Esses fatos constroem a assertiva de que o português brasileiro – mesmo em sua variante – é uma língua também racista, porque expressa o racismo de suas relações e práticas sociais. Ademais, a negação e o desconhecimento das tradições negro-africanas na formação e consolidação do português brasileiro aponta para um quadro científico que sustenta a mesma hipótese racista, principalmente quando se considera uma linha diacrônica de apreciação. Assim, é necessário que se compreenda a história tão rica das contribuições que esses povos têm no português brasileiro, para que se erradique a discriminação.

A preocupação quase obsessiva em ensinar a norma culta da língua portuguesa nas escolas desencadeou o desprezo por diversos registros de influências de línguas africanas para as necessidades sociocomunicativas no contexto de ensino de língua portuguesa. A desvalorização de usos praticados na comunicação dos brasileiros, de forma mais genérica, e dos alunos, de forma mais específica, contribuiu para idealização de uma norma que, se por um lado não pertence ao domínio de todos, por outro, motiva a própria execração da diversidade dialetal do português brasileiro e a consequente exclusão daqueles que não dominam aquela norma.

Os livros didáticos analisados não apresentam em suas unidades nada que faça referência ao racismo linguístico. Na coleção “Tecendo Linguagens” chegamos à conclusão que o livro do 9º poderia trazer textos para que o aluno refletisse melhor sobre o assunto, visto que ele deixa ideias vagas. Na coleção “Se Liga na Língua” concluímos que o livro do 9º apresenta muitas informações pertinentes para que o professor possa utilizá-lo, mas também não é visto nada sobre o racismo linguístico. Dessa forma, o livro mais utilizado na cidade de

Queimadas/PB é o “Tecendo Linguagens”, porém não consideramos ele o melhor. É importante ressaltar que os livros de 8º ano de ambas as coleções não fazem referência ao racismo linguístico.

Nosso maior aprendizado é que em todos os campos, inclusive no meio acadêmico (ainda muito resistente a essa questão) entendemos que censurar certas expressões não é negar a linguagem ou querer lutar pelo que é dado. É entender que a linguagem está viva, e da mesma forma que criamos expressões que não existiam antes e que usamos hoje, podemos deixar de usar outras linguagens. Não precisa usar o "mercado negro" para falar sobre comércio ilegal, lista negra, inveja branca, magia negra, as origens de todas essas expressões não têm nada a ver com a cultura da democracia e inclusão e as relações raciais que defendemos.

Assim, a principal contribuição científica da pesquisa é investigar e lançar luz ao debate acerca de um problema que vem sendo perpetuado há séculos na sociedade brasileira: “o racismo linguístico”. Levando em consideração os influxos das línguas, investigar o português brasileiro é também lançar mão de base científica para fenômenos que – embora conhecidos de forma apartada pelos cânones da língua portuguesa – estabeleceram-se no drama constituinte das relações etnicorraciais



## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 48<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A hora e a vez do português brasileiro.** [2009?]. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/A-hora-e-a-vez-do-portugues-brasileiro.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontes de Gramática Histórica.** Rio de Janeiro, 2005. (Coleção Linguística e Filologia).
- FARACO, Carlos Alberto. **História do Português.** São Paulo: Parábola, 2019.
- FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes.** SP: USP, 1965.
- FERREIRA, Marília. **Tradições orais de línguas indígenas.** São Paulo: Pontes Editores, 2013.
- GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e Antirracismo no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 2009.
- GUIMARÃES, Eduardo. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 57, no 2, abr./jun. 2005.
- GUIMARÃES, Eduardo. Brasil: país multilíngue. **Ciência e cultura**, São Paulo, v.57, no 2, abr./jun. 2005.
- GUIMARÃES, Eduardo. Política de línguas na linguística brasileira. In: Orlandi, E; Guimarães, E. (orgs.). **Política Linguística no Brasil.** Campinas, SP: Pontes, 2007, p.63-82.
- LIMA, I. S. Língua nacional: histórias de um velho surrão. In: Lima, I, S; Carmo, L. (orgs.). **História social da língua nacional.** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.
- LUCCHESI, D. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. **Estudos de Linguística Galega**, v. 4, p. 45-65, 2012.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARIANI, Bethania. **Colonização Linguística.** Campinas, Pontes, 2004.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo.** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

OLIVEIRA, T. A. et al. **Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa 8º ano**. 5. ed. São Paulo: IBEP, 2018.

OLIVEIRA, T. A. et al. **Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa 9º ano**. 5. ed. São Paulo: IBEP, 2018.

ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem 8º ano**. São Paulo: Moderna, 2018.

ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem 9º ano**. São Paulo: Moderna, 2018.

PETTER, Margarida; FIORIN, José Luiz. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2017.

QUEIROZ, Sônia. **Remanescentes culturais africanos no Brasil**. Aletria, Belo Horizonte, p. 48-60, 2002.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010.